

A percepção de gênero na escola: Discursos e memórias na construção das identidades discentes na sala de aula¹

Maria Alcione dos Santos²

Resumo

Utilizando como aparato teórico-metodológico a Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; 2010; 2016), este estudo tem como objetivo refletir sobre os efeitos discursivos de algumas imagens/pinturas feitas nas paredes internas de uma Instituição de Ensino da Rede Pública Estadual na cidade de Arapiraca-AL e como isso pode interferir positivo ou negativamente na constituição das identidades discentes. Para isso, mobilizo alguns conceitos que se interseccionam ao falarmos sobre identidades, são eles: raça e gênero (na perspectiva de De Beauvoir, 1967; Butler, 2003 e Borges; Melo, 2019). A análise discursiva das imagens indica que estas retomam memórias que colocam pessoas negras em lugares de inferioridade e (des)legitimam discursos relacionados a gênero na sala de aula.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica; Identidades discentes; Memórias; Gênero; Raça.

Considerações iniciais

Contemporaneamente, ao entrarmos em uma escola, seja ela da rede pública ou privada, nos deparamos com imagens nas paredes, nos muros e, em alguns casos, nas paredes internas das salas de aulas. Essas imagens são coloridas, suas cores são vibrantes e apontam para determinados sentidos que fazem referência ao ensino e a aprendizagem das/os estudantes. São imagens com as quais as/os alunas/os têm contato diariamente ao adentrarem o espaço escolar, por isso podem contribuir, ou não, para a perpetuação de ideologias ou para a subversão de valores, crenças, estereótipos e discursos que nos rodeiam e que são, muitas vezes, naturalizados.

Nesse ínterim, busquei, neste artigo, analisar, sob a perspectiva da Análise Crítica de Discurso-ADC, proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003; 2010; 2016), como as imagens feitas nas paredes internas de uma sala de aula da Rede Pública Estadual de Ensino, na cidade de Arapiraca-AL, contribuem para a perpetuação de um discurso racista e machista na sala de aula, influenciando, conseqüentemente, na

¹ Artigo resultado das discussões na aula de Tópicos Especiais em Memória Social 3 - Discursos de ódio, memória, raça e interseccionalidades, ministrada pelas professoras: Dra. Glenda Cristina Valim de Melo (UNIRIO) e Dra. Anny Ocoró Loango (Conicet-Untref), no período letivo 2023.2, no programa de Pós-Graduação em Memória Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Professora efetiva de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Alagoas (SEDUC/AL). E-mail: alcionnysantos@outlook.com

forma como as/os estudantes se enxergam e como constituem as suas identidades por meio dos discursos e memórias que as imagens suscitam.

Para isso, ressaltamos que, baseadas na concepção de linguagem como ação, compreendemos o discurso como parte constitutiva da prática social, isto é, por meio do discurso legitimamos algumas identidades e “deslegitimamos outras, elegemos ou contestamos certas naturalizações da posição/colocação social de alguns corpos e de saberes hegemônicos, legitimamos certas existências de umas pessoas em detrimento às existências de outras” (Borges; Melo, 2019, p. 5).

Nesse sentido, divido este artigo em quatro seções, além das considerações iniciais, em que eu justifico e contextualizo o objetivo da pesquisa. Na primeira seção, intitulada *Análise de Discurso Crítica*, discorro sobre o aparato teórico-metodológico que me serviu de base para o desenvolvimento e análise do *corpus* utilizado. Na segunda seção, intitulada *Identidades e Memórias*, evidencio as perspectivas sob as quais os conceitos de identidade e memória estão sendo discutidos. Na terceira seção, intitulada *Análise Discursiva*, desenvolvo uma análise discursiva crítica, mostrando como esses conceitos estão imbricados no nosso cotidiano e, como não poderia ser diferente, no cotidiano escolar. Por fim, nas considerações finais, apresento algumas reflexões para (re)pensarmos o efeito do discurso na sociedade e, mais especificamente, na constituição das identidades discentes.

Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica, doravante ADC, é uma proposta teórico-metodológica que concebe a linguagem como parte importante da prática social e, sobretudo, como um instrumento de poder na relação dialética entre linguagem e sociedade. Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), percussores dessa abordagem, a ADC nos fornece um cabedal de teorias e metodologias para que possamos analisar o papel da linguagem na sociedade. Além disso, por ser interdisciplinar, a ADC reconhece os seus limites teóricos e se mantém aberta a dialogar com outras áreas e campos do conhecimento, a fim de questionar problemas sociais e propor uma mudança social, por meio de uma mudança discursiva (Vieira; Resende, 2016).

Nesse sentido, por entender que um problema social é também um problema discursivo, o conceito de discurso é fundamental na ADC, entendido como

[...] um momento, uma parte, digamos assim, de toda a prática social. Esse conceito complexo de discurso nos permite, em pesquisas situadas, compreender o uso da linguagem como *ancorado* em estruturas semióticas sociais, sem perder de vista a *flexibilidade* dos eventos comunicativos, que permite a criatividade na criação de textos (Vieira; Resende, 2016, p.16).

Em outras palavras, podemos dizer que o discurso é a materialização da linguagem nas práticas sociais, que pode se dar por meio do texto em diferentes semioses (o texto escrito, imagens, entrevistas, ações, interações, entre outros). Discurso é, portanto, “um modo particular de representar parte do mundo, ligado a interesses específicos” (Vieira; Resende, 2016, p.19). Isso justifica a escolha por me amparar na ADC para analisar os sentidos que são (des)legitimados nas imagens feitas nas paredes da escola em questão. Sentidos esses que podem contribuir, ou não, para a sustentar ou subverter um modo particular de dominação e exploração das identidades, crenças, valores, conhecimentos e visões de mundo dos discentes.

Identidades e Memórias

As identidades, constituídas por meio do processo de alteridade, que considera a interação com o outro nesse processo de constituição são, constantemente, negociadas no seio das práticas sociais, as quais são perpassadas por relações de poder. Borges (2018), ao discorrer sobre esse processo de constituição identitária, aponta que

[n]esse jogo de poder, dois movimentos atuam no processo de produção de identidades: de um lado, temos as posições hegemônicas, que buscam fixar as identidades com o objetivo de criar parâmetros em relação aos quais as outras identidades deverão ser avaliadas e hierarquizadas; de outro, temos movimentos que questionam e buscam subverter as identidades estabilizadas, contrapondo-se às tendências que essencializam as mesmas (Borges, 2018, p. 93-94).

Sob essa perspectiva, e mais especificamente nesta pesquisa, entendendo identidade como uma construção sócio-histórica e cultural que passa por essas tensões de fixação e subversão, evidencio que o conceito de identidade é também constituído a partir do olhar do outro. Um olhar que confronta, que interpela e faz com que a/o sujeita/o volte o seu olhar para si mesma/o, refletindo sobre questões individuais e sociais e entre o passado e o presente.

Podemos dizer então que a escola, assim como as demais instituições sociais, também interfere na constituição das identidades. Logo, a forma como determinada

identidade é percebida nesse ambiente pode legitimar, ou não, a sua existência e os espaços a ela reservados. Dessa forma, a memória, que pode ser retomada por inúmeras formas discursivas no ambiente escolar, reconstrói fatos e traz para o presente uma história (re)construída, impregnada de crenças e interpretações simbólicas. Segundo Hanchard (2023), a memória propicia a constituição de diferentes narrativas que são contadas e recontadas com diferentes finalidades.

No seio dessas discussões, podemos dizer que a memória é, portanto, um fio condutor que contribui significativamente para a elaboração da história de um povo e, conseqüentemente, para a constituição das identidades, uma vez que pode ser (re)lembrada e (re)interpretada de diferentes formas, por isso a sua complexidade, sobretudo, em se tratando da constituição identitária de sujeitas/os no ambiente escolar.

Análise Discursiva

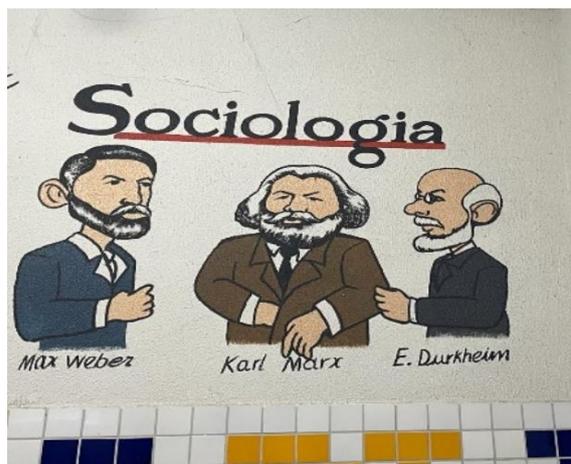
Para Hanchard (2023), um conjunto de signos e símbolos, em determinadas práticas sociais, “podem ter um significado maior do que as suas representações isoladas” (Hanchard, 2023, p. 20). Nesse sentido, as imagens, por exemplo, retomam memórias que não necessariamente foram vistas ou vividas pela/o sujeita/o na contemporaneidade (como a época da escravização de pessoas negras e a caça às bruxas), no entanto, de alguma forma, por meio da história (documentários, livros, biografias etc.) as/os sujeitas contemporâneas/os tomam conhecimento e relacionam o passado com suas experiências cotidianas. Por isso a preocupação, neste estudo, com as imagens que analisaremos a seguir, pois são imagens que, simbolicamente, retomam memórias e apontam para sentidos e discursos que, por meio de tensões ideológicas, constroem a história de um povo e estruturam a sociedade.

Dito isto, ressalto que compreendo os efeitos de sentido produzidos pelas imagens imbuída na perspectiva de que gênero é uma construção sócio-histórica, discursiva e performativa (Borges; Melo, 2019, p. 2). Sob essa ótica, gênero não é sinônimo de sexo. Enquanto o primeiro é definido socialmente por meio da cultura e do discurso, o segundo é definido biologicamente, fazendo referências aos órgãos reprodutivos, feminino e masculino (De Beauvoir, 1967; Butler, 2003). Vejamos, pois, as imagens 1 e 2.

Imagem 1. Representação da disciplina de Filosofia



Imagem 2. Representação da disciplina de Sociologia



Fonte: Sala de aula

Temos na imagem 1 uma representação, segundo a escola, da disciplina de Filosofia. São três filósofos, três homens brancos. Na imagem 2, temos a representação da disciplina de Sociologia: três sociólogos, três homens brancos. O que essas imagens têm em comum? Quais os efeitos dessas representações no espaço em que foram inseridas? Por que há somente homens? Não teríamos mulheres, filósofas e sociólogas, que poderiam fazer parte dessas imagens? Uma última pergunta: Por que todos são brancos?

O que vejo, mais uma vez, como acontece em outros espaços institucionais, ou não, da sociedade, é uma homogeneidade masculina e branca que reforça “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas e tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência” (Louro, (1997, p. 17). Há, nitidamente, nessas imagens, uma falta de representatividade em relação às categorias de gênero e raça. Sobretudo, porque estão inseridas em um espaço escolar que deveria promover inclusão e diversidade. As/os estudantes precisam olhar para as imagens no ambiente escolar e se reconhecerem ali, “por isso a representatividade é tão importante: onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta” (Pinheiro, 2023, p. 20).

Se aprofundarmos a nossa reflexão, considerando a interseccionalidade entre raça e gênero, veremos que o homem negro é invisibilizado na imagem (na categoria gênero, ele se assemelha à imagem, mas na categoria raça ele é negligenciado); a mulher branca, por sua vez, é também invisibilizada (aqui a ordem é inversa; na categoria raça, ela é semelhante à imagem, mas na categoria gênero, ela é negligenciada). Nessa perspectiva, a mulher negra é invisibilizada duas vezes, primeiro por ser mulher e segundo por ser negra. Por conseguinte, as mulheres negras estariam duplamente no lugar de menos

importantes para ocupar esse espaço de destaque na escola: por serem mulheres e por serem negras (Borges e Melo, 2019).

Assim, a escola acaba perpetuando uma narrativa ocidental hegemônica e branca que desconsidera a pluralidade que constitui essa instituição. Então, por mais que, em outros momentos, exista um discurso de valorização da diversidade e busca pela equidade, na prática, esse discurso não se materializa. Segundo Bento (2022), “esse fenômeno tem um nome, branquitude e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (Bento, 2022, p.18).

Logo, penso que essa iniciativa de pintar imagens que representam, de alguma forma, as disciplinas seria uma excelente oportunidade para colocar em lugares de destaque pessoas que incitam discussões na sala de aula sobre a diversidade de raça e gênero que constitui o Brasil desde a sua formação, evidenciando pessoas (mulheres e homens de diferentes raças e etnias) que contribuíram, e contribuem, para a nossa história, mas que, devido as ideologias dominantes, permanecem no anonimato ou raramente são lembradas/os.

Pensando nisso, deixo aqui sugestões de filósofas/os que poderiam integrar a imagem 2: Djamila Ribeiro (mulher negra), Angela Davis (mulher negra), Silvio Almeida (homem negro) e Marilena Chaui (mulher branca) entre outras/os. E, quanto à imagem 3, apresento também algumas sugestões de sociólogas/os: Patrícia Hill Collins (mulher negra), bell hooks (mulher negra), Frantz Fanon (homem negro) e Harriet Martineau (mulher branca) entre outras/os.

Considerações Finais

Como vimos, os sentidos construídos em torno de raça e gênero nas imagens analisadas ratificam que a linguagem é ação e seus efeitos podem ser positivos, ou não, para o corpo social e para os grupos e minorias, politicamente falando, nele existente. Nessa perspectiva, a ADC nos ajuda a compreender como essas ideologias são, com frequência, naturalizadas e como o poder, a dominação, o machismo e o racismo são reproduzidos na linguagem em uso – no discurso.

Nesse interim, percebemos que falar em democracia racial é um mito, uma vez que as imagens evidenciam (ainda que não intencionalmente) que somente pessoas

brancas, homens, ocupam com frequência posições de destaque na sociedade, contribuindo para a disseminação de um universalismo hegemônico no campo do saber imposto pela colonialidade (Macedo, 2022). Segundo a autora,

Com mecanismos implícitos (e muitas vezes explícitos), grupos dominantes transformam determinados discursos e os fazem circular de uma forma naturalizada e universal, mantendo, desta forma, certas práticas discursivas inquestionáveis. Essas práticas carregam ideologias que servem estrategicamente para manter a hegemonia social desses grupos, mantendo-os no topo das relações de poder (Macedo, 2022, p. 254).

Notemos, que é exatamente isso que acontece na análise apresentada. O que vemos com frequência é as pessoas falarem que não tiveram a intenção de serem machistas ou racistas, por exemplo, mas é justamente esse o ponto, situações como essas só acontecem porque são naturalizadas, a ponto de se tornarem cotidianas, inclusive em um ambiente escolar – espaço destinado para a formação de pessoas e constituição de identidades. No entanto, conforme aponta Gomes (2002), a escola é “um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais e de gênero” (Gomes, 2002, p. 39). Corroborando com a autora, Melo (2023) também enfatiza que

Mais cientes dos discursos que sedimentamos e dos preconceitos que cristalizamos, mesmo sem querer notarmos, temos a possibilidade de desconstruí-los em sala de aula, questionando-os e contestando-os (Melo, 2023, p. 65).

Sob essa perspectiva, pretendo, com este estudo, sugerir uma mudança discursiva, uma reflexão sobre ações tomadas dentro de um ambiente escolar e seus efeitos para além dos muros institucionais, para termos, de fato, uma mudança nas práticas sociais, pois considero que as desigualdades que ocorrem nesse ambiente, sejam elas de gênero ou racial (práticas excludentes e hierarquizantes), não ficam somente aí, pelo contrário, são reproduzidas e reforçadas na sociedade, uma vez que, conforme aponta Melo (2023), “na perspectiva da linguagem como ação, o que fazemos com as palavras e/ou com a linguagem marca diretamente o corpo e a vida social do outro” (Melo, 2023, p. 65).

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, S. L. (2019). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen. (Feminismos Plurais).

- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras, 2022.
- BORGES, Lorena Araújo De Oliveira. “*Meu corpo, minhas regras*”: representações e identidades de gênero nos discursos de ativistas (trans) feministas. 2018.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BORGES, Roberto Carlos da Silva; Melo, Glenda Cristina Valim de. *Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social*. Revista estudos feministas, v. 27, p. 1-13, 2019.
- CHOULIARAKI, Lilie.; FAIRCLOUGH, Norman. (1999). *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- FAIRCLOUGH, Norman. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, Nova York: Routledge.
- FAIRCLOUGH, Norman. (2010). *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. Second Edition. London/New York: Routledge.
- FAIRCLOUGH, Norman. (2016). *Discurso e mudança social*. Trad. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UNB.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação e identidade negra*. Aletria: revista de estudos de literatura, v. 9, p. 38-47, 2002.
- HANCHARD, Michael. *Memórias Negra Versus Memória de Estado*. In: OLIVEIRA, M. A. S. A; MELO, G.C.V; RIBEIRO, L. B. Memória, Patrimônio e Turismo: uma perspectiva no Cais do Valongo. Rio de Janeiro: Editora Paraná, 2023, p.17-35.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MACEDO, Litiane Barbosa. *Enegrecendo os estudos críticos dos discursos Epistemológicos afroperspectivistas para o campo da análise do discurso no Brasil*. Campinas: Trabalhos em Linguística Aplicada, n(61.1): 251-264, jan./abr. 2022.
- MELO, Glenda Cristina Valim de. *O lugar da raça na sala de aula de inglês*. In.: Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade. 1.ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2023.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil. 160p. 2023.

VIEIRA, Viviane.; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Coleção: Linguagem e Sociedade. Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2ª Edição – 2016.